



FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Em Busca do Paraíso Perdido: As Utopias Medievais*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Araçoiaba da Serra, SP: Editora Mnêma, 2021

Heloisa Guaracy MACHADO¹

O presente livro analisa o gênero literário da utopia – tema da especialidade do Professor Hilário, com a publicação de *Cocanha*², em 1998 –, buscando mostrar a pertinência da aplicação daquele conceito à Europa medieval. O propósito de esquivar-se do estudo pormenorizado de cada utopia citada, como ele procura esclarecer, não minimiza o desafio de percorrer um universo denso e extenso, expresso nas 552 páginas muito bem equilibradas.

O primeiro aspecto a ser destacado é o rigor teórico-metodológico empregado na seleção das fontes, na utilização dos conceitos e no formato da apresentação, a exemplo dos Índices – cujo plural faz justiça ao grande volume de informações –, organizados em sete itens: as (46) utopias, os temas, os autores (da Antiguidade Pagã à Idade Média Tardia), os artistas medievais, as obras (anônimas, manuscritos, livros bíblicos), os personagens (históricos e imaginários) e os lugares (geográficos e imaginários). Já o conteúdo abordado está dividido em três partes, reunindo 21 capítulos encabeçados por epígrafes significativas que remetem aos versos de Eliot (p. 6), anunciando, nas páginas iniciais, o sentido profundo da obra: “Go, go, said the bird: human kind / Cannot bear very much reality”.

No exame sobre “A questão conceitual”, título e objeto da primeira parte do livro –, o autor problematiza o conceito de utopia procedendo à revisão do gênero literário utópico através de uma crítica refinada ao que ele chama de “hesitação historiográfica”. Esta aponta para a tendência de que os “intelectuais modernos tenham sobre a utopia um conceito que corresponde apenas à feição histórica que ela assume na sua própria

¹ Professora aposentada da [Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais \(PUC Minas\)](http://www.pucminas.br). E-mail: heloguara@gmail.com.

² FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha. A história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

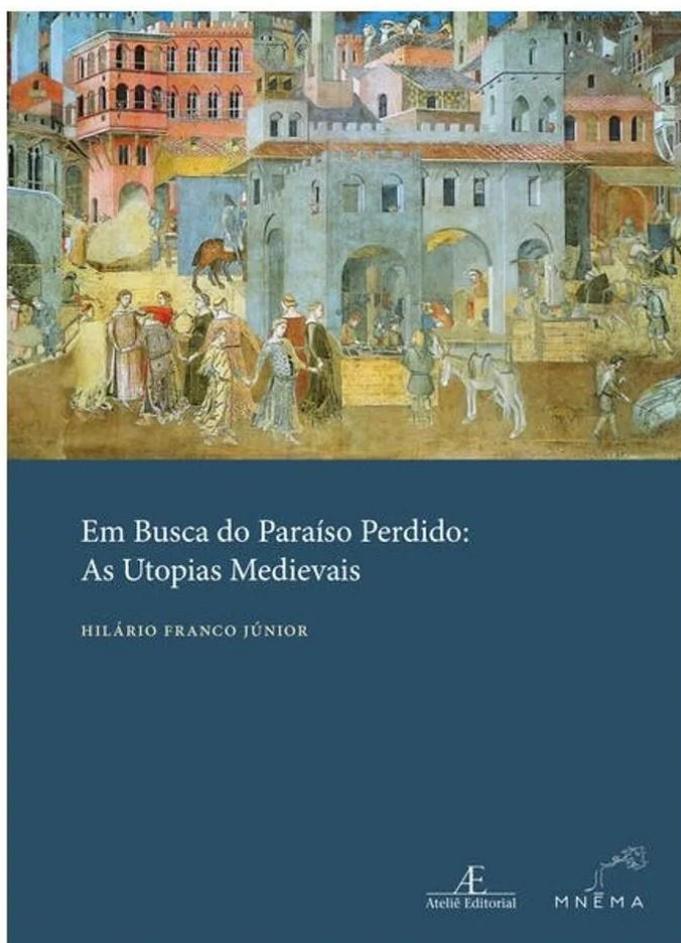


José María SALVADOR GONZÁLEZ (org.). *Mirabilia Journal* 38 (2024/1)
Returning to Eden. Revaluation of the earthly world. From Antiquity to Ancien Régime
Tornant a l'Edèn. Revaloració del Món Terrenal. Des de l'Antiguitat fins a Antic Règim
Regresando al Edén. Revalorización del Mundo Terrenal. De la Antigüedad hasta el Antiguo Régimen
Voltando ao Éden. Reavaliação do Mundo Terreno. Da Antiguidade ao Antigo Regime

Jan-Jun 2024
ISSN 1676-5818

época” (p. 322). Dito de outro modo, a sua utilização só é admitida, via de regra, após o século XVI, com a publicação do livro *Utopia*, de Thomas Morus, o que constitui um contraponto ao argumento defendido por Lucien Febvre de que “um conteúdo pode existir antes do nome que o expressa” (p. 487). E que reportamos, *mutatis mutandis*, à ideia medieval tomista de que a vida extrapola o conceito.

Imagem 1



Um dos equívocos apontados sobre tal “hesitação” é a correspondência unívoca entre utopia e o modelo de pensamento profano, antropocêntrico e racional, contra o que



José María SALVADOR GONZÁLEZ (org.). *Mirabilia Journal* 38 (2024/1)
Returning to Eden. Revaluation of the earthly world. From Antiquity to Ancien Régime
Tornant a l'Edèn. Revaloració del Món Terrenal. Des de l'Antiguitat fins a Antic Règim
Regresando al Edén. Revalorización del Mundo Terrenal. De la Antigüedad hasta el Antiguo Régimen
Voltando ao Éden. Reavaliação do Mundo Terreno. Da Antiguidade ao Antigo Regime

Jan-Jun 2024
ISSN 1676-5818

Franco Júnior tece algumas objeções de ordem substantiva, chamando a atenção para os fatores demonstrativos da presença efetiva do religioso no âmbito utópico e da supremacia da teologia no pensamento medieval. Em defesa desse argumento, ele recorre à premissa formulada por Émile Durkheim de que “a sociedade ideal supõe a religião” (p. 67) e reforça seu ponto de vista com a concepção defendida por Gabriel Vahanian de que “o Ocidente foi erguido sobre o ‘utopismo do religioso’”, dando como exemplo, justamente, o que ele denomina o inegável espírito religioso da obra moriana (p. 67-68). Nessa perspectiva, a condição de utopia dos fenômenos históricos e literários é examinada a partir da interação permanente entre suas três estruturas – o fundamento mitológico, a ideologia e a liturgia – tendo como fundamento a “negação de um presente medíocre e sufocante, daí ser uma constante histórica, presente em todas as épocas, inclusive a medieval” (p. 11). Vista como uma hipótese de trabalho, amplamente reiterada, tal assertiva se completa com as palavras do filósofo Cosimo Quarta de que “a utopicidade não é fato acidental e passageiro, mas característica essencial ou originária da espécie humana” (p. 79).

Nesse caso, outro ponto importante a ser destacado, cuja análise se estende a segunda parte do livro, versa sobre o tratamento do tema na vertente de uma história das ideias, que percebe a utopia como um sistema semiológico amplo, abarcando a semântica, a sintaxe e a pragmática da linguagem. Isso possibilita um plano de reflexão inicial subjacente, de maior abrangência e de grande atualidade para a historiografia *lato sensu*, ao apontar para a necessidade de alargar o horizonte dos conhecimentos sobre o passado diante das distorções que, a nosso ver, são recorrentes nas interpretações sobre a Idade Média e a Antiguidade. Com efeito, boa parte dos especialistas sobre outros contextos históricos consideram-se credenciados a proferir os mais diversos juízos relativos a uma época com a qual não estão devidamente familiarizados, ou melhor, demonstrando certo “desconhecimento da cultura medieval” (p. 57) – como preconiza a forma elegante utilizada pelo autor.

Ao mesmo tempo que Franco Júnior defende a necessidade imperativa de reconhecer a historicidade do conceito de utopia, ele procura matizar, de outro lado, o anacronismo a resvalar as abordagens sobre a contemporaneidade, mas cuja simples recusa poderia levar ao erro de esterilizar a capacidade analítica relativa aos objetos de investigação.



José María SALVADOR GONZÁLEZ (org.). *Mirabilia Journal* 38 (2024/1)
Returning to Eden. Revaluation of the earthly world. From Antiquity to Ancien Régime
Tornant a l'Edèn. Revaloració del Món Terrenal. Des de l'Antiguitat fins a Antic Règim
Regresando al Edén. Revalorización del Mundo Terrenal. De la Antigüedad hasta el Antiguo Régimen
Voltando ao Éden. Reavaliação do Mundo Terreno. Da Antiguidade ao Antigo Regime

Jan-Jun 2024
ISSN 1676-5818

Esse debate se desenrola no campo da longa duração histórica – muitas vezes negligenciada diante do predomínio das micro abordagens e das descontinuidades temporais –, cuja exigência de um vasto conhecimento no trânsito por universos culturais e teóricos distintos configura um desafio que poucos se dispõem a enfrentar. É que o autor define, à moda do medieval, como a sua “peregrinação intelectual” (p. 497).

Com razão, somos advertidos de que não é admissível ignorar quer a precedência factual dos conceitos, quer a sua influência nos períodos subsequentes como evidenciam, em relação à utopia, respectivamente, *A República*, de Platão, e o episódio mais recente do nazismo. O caráter utópico deste último, quase sempre refutado devido à violência inerente à lógica da eliminação dos judeus, é aqui justificado com a ideia da projeção, no inimigo, do extermínio do mal, visto como uma etapa prévia de um futuro paradisíaco e reservado aos membros da sua própria comunidade. Isso mostra, ainda, a plausibilidade de uma faceta étnica, religiosa ou nacionalista, a integrar o projeto utópico. Diante disso, se a Cocanha é definida como a utopia que desvela, através do jogo especular, os anseios reprimidos de uma sociedade cada vez mais ressentida, fica difícil não pensarmos nas ondas extremistas que espocam em vários pontos da civilização ocidental durante o século XXI manifestando, possivelmente, os sentimentos da insatisfação de vários segmentos com os rumos tomados pela política, pela economia ou pelos privilégios sociais de toda ordem.

Voltando-se mais especificamente para o plano objetivo do tema, na segunda parte do livro – “As comunidades utópicas medievais” –, a análise se inicia com a identificação dos “traços utópicos” que, a despeito das múltiplas atualizações culturais, conservam a sua essência até os nossos dias, a saber: a prosperidade, a liberdade, a igualdade de gêneros ou o ideal anárquico do universo onírico medieval, com a recusa de qualquer poder, instituição e autoridade. Esse conjunto inclui também as utopias não confessas, vide a libertinagem, expressa no consumo desenfreado e acessível a todos, em forma de comida, bebida, moradia, roupa e calçado, passível de ser associado, sem grande esforço, aos fetiches que reverberam na mídia ou nas *lives* dos ditos influenciadores atuais. Particularmente, o ideal da redução do trabalho para seis horas diárias, proposta por Tomás More (p. 255), e tornado realidade prática vigente em alguns países europeus



José María SALVADOR GONZÁLEZ (org.). *Mirabilia Journal* 38 (2024/1)
Returning to Eden. Revaluation of the earthly world. From Antiquity to Ancien Régime
Tornant a l'Edèn. Revaloració del Món Terrenal. Des de l'Antiguitat fins a Antic Règim
Regresando al Edén. Revalorización del Mundo Terrenal. De la Antigüedad hasta el Antiguo Régimen
Voltando ao Éden. Reavaliação do Mundo Terreno. Da Antiguidade ao Antigo Regime

Jan-Jun 2024
ISSN 1676-5818

confirma a percepção de que a utopia de ontem pode mesmo se tornar a realidade de amanhã.

Uma vez delimitados aqueles traços, a investigação toma a forma de um “ensaio tipológico”, no qual a perspectiva dual da evasão/reconstrução, atribuída a Lewis Mumford (p. 319), cede lugar a um cenário mais amplo integrado pela diferenciação entre as utopias e, em especial, às suas múltiplas conexões. Para tanto e, adotando como bases a genética histórica, a psicologia utópica e o diálogo entre as utopias, a investigação concentra-se nos textos e nas imagens relativas a duas fontes muito representativas do calendário cristão: o Carnaval e a Quaresma. Nesse caso, aquela diferenciação é atribuída a um único elemento – o trabalho –, sabidamente rejeitado pela vertente carnavalesca, mas valorizado nas práticas quaresmais, ao passo que, as ditas conexões são reconhecidas nos traços utópicos partilhados e no entendimento coletivo, nos termos do texto, como um “espírito” desdobrado no binômio inversão/heresia.

No entanto, a centralidade dessa construção argumentativa incide, indiscutivelmente, na tradição sobre o Éden, analisada na terceira parte – “A matriz edênica” –, caracterizado como um local oculto e inacessível, dotado de beleza e fartura, saúde e imortalidade, harmonia e justiça, unidade e androginia, funcionando como uma espécie de denominador comum entre as utopias, o que justifica também a sua presença no título do livro. O objetivo aqui é o aprofundamento da ideia de que para a Idade Média a utopia funciona como uma espécie de sucedâneo do Paraíso terreno, cuja memória e a angústia pela sua perda fazem reviver o trauma psíquico do homem na sua errância terrena, encontrado nos períodos posteriores.

A permanência do fenômeno é exemplificada com a trajetória do navegador Cristóvão Colombo e a identificação da América com o Éden, apoiada na conhecida premissa de Franco Júnior sobre o “típico pensamento medieval, que argumentava por contiguidade, por proximidade conceitual entre dois ou mais sujeitos” (p. 350). E que se contrapõe, por conseguinte, ao equívoco não raro de caracterizar a expansão ultramarina europeia a partir de critérios mais adequados à chamada Idade Moderna. Vale ressaltar, porém, que a própria noção de “modernidade”, fixada pela periodização



José María SALVADOR GONZÁLEZ (org.). *Mirabilia Journal* 38 (2024/1)
Returning to Eden. Revaluation of the earthly world. From Antiquity to Ancien Régime
Tornant a l'Edèn. Revaloració del Món Terrenal. Des de l'Antiguitat fins a Antic Règim
Regresando al Edén. Revalorización del Mundo Terrenal. De la Antigüedad hasta el Antiguo Régimen
Voltando ao Éden. Reavaliação do Mundo Terreno. Da Antiguidade ao Antigo Regime

Jan-Jun 2024
ISSN 1676-5818

tradicionalista entre os séculos XV e XVIII, deve ser relativizada diante da sugestão de outros marcos temporais, como a “Idade Média Tardia”, empregada pelo Professor Hilário para os séculos XVI e XVII, na linha de uma longa Idade Média, extensiva ao século XVIII, proposta por Jacques Le Goff.

Um terceiro aspecto significativo a ser observado à medida que desbravamos o texto diz respeito a dois níveis de leitura que contribuem para a formação do leitor. No nível mais direto, é notório o grande acervo de informações para o estudo da Idade Média e de suas heranças culturais, com o retrospecto da investigação histórica aos primórdios da vida na terra. Nesse caso, o exame da androginia e da reprodução assexuada retrocedendo 3,5 milhões de anos, aproximadamente, visa à recuperação do processo que levava à obsessão da cristandade medieval europeia pela unidade, mais especificamente, a “unidade edênica” (p. 410), imputada às manifestações inconscientes forjadas na memória coletiva.

A questão da sobrevivência inconsciente de uma androginia original é, nesse caso, aproximada da noção agostiniana de uma androginia primitiva, conforme a interpretação de Daniel Le Coq e Roland Schaer, para ser problematizada em seguida (p. 417). Excepcionalmente, e contrariando a clareza habitual da narrativa, encontramos certa dificuldade em acompanhar o desenvolvimento das ideias no parágrafo sobre o assunto, o que talvez pudesse ser resolvido com uma explicação mais detalhada dos argumentos apresentados. No entanto, o que importa assinalar, efetivamente, é a constatação de que os nossos antepassados remotos já possuíam algum grau de intuição sobre a unidade profunda do ser humano a ser recuperada em uma espécie de androginia psíquica que, na psicologia de Carl Jung, reúne os conceitos consagrados de *anima* – faceta feminina presente na psique do homem – e de *animus* – o lado masculino da psique da mulher.

Tais considerações endossam a hipótese geral de que os sonhos coletivos medievais podem ser legitimamente designados como “utopia”, concebida como uma manifestação coletiva que contribui para a própria compreensão do “homem” como ser histórico, munido da aptidão em conferir sentido ao momento presente. Essa abordagem, como percebemos, constitui um avanço gnosiológico significativo ao



José María SALVADOR GONZÁLEZ (org.). *Mirabilia Journal* 38 (2024/1)
Returning to Eden. Revaluation of the earthly world. From Antiquity to Ancien Régime
Tornant a l'Edèn. Revaloració del Món Terrenal. Des de l'Antiguitat fins a Antic Règim
Regresando al Edén. Revalorización del Mundo Terrenal. De la Antigüedad hasta el Antiguo Régimen
Voltando ao Éden. Reavaliação do Mundo Terreno. Da Antiguidade ao Antigo Regime

Jan-Jun 2024
ISSN 1676-5818

reconhecer como inerente ao gênero humano a capacidade de “recordar e imaginar, isto é, ligar-se ao passado e ao futuro” (p. 497). E cujo refinamento analítico supera o vezo bastante disseminado de reduzir o homem à sua condição prática de produzir, construir, guerrear ou viver em comunidade que, como se sabe, são atividades partilhadas por várias espécies animais.

Assim é que o capítulo final – “A Memória do Paraíso” – promove a articulação entre a utopia, a história e a memória, esta, nas suas conexões com variadas temáticas, para chegar à aceção definitiva de que “utopia é memória do Paraíso” (p. 492). Mas é a Conclusão que nos fornece de forma nítida e, não obstante, multifacetada, a chave explicativa sobre o conceito de utopia, ao decretar que a sua essência não é de caráter material, mas de fundo emocional (p. 498), o que, no medievo, corresponderia à angústia pela perda da primitiva paz edênica e à tentativa de recolocar o mundo na sua posição de origem. Essa ótica inovadora, para além de transcender o significado ordinário da utopia como anseio de evasão ou mudança do concreto, consegue subverter, acreditamos, a robustez de certa lógica ainda apoiada na razão instrumental.

Em função disso, não podemos compartilhar inteiramente do otimismo de Franco Júnior (p. 78) sobre o “bom hábito” de os historiadores buscarem, nas últimas décadas, elementos teóricos e empíricos fornecidos por outras disciplinas, por imputarmos a essa tendência um caráter predominantemente retórico. Melhor dizendo, o arrojo da análise do autor em foco estaria justamente em transitar por terrenos ainda pouco explorados na interface da história com temáticas afins, isto é, a antropologia, a biologia, a linguística, a psicanálise, a psicologia, a sociologia, a teologia e os campos mais recentes da física quântica, da neurolinguística, da neuropsicologia e da bioanálise.

Essa disposição pressupõe o diálogo com um espectro numeroso e diversificado de pensadores insistentemente citados, entre os quais destacamos Platão e Sócrates na Antiguidade, Agostinho e Dante na Idade Média, passando pelos representantes da modernidade, Darwin, Freud, Jung e da contemporaneidade, Kafka, Lacan e Borges. Importante mencionar, além disso, a estreita interlocução com o trabalho pioneiro do historiador israelense Yuval Harari e a sua definição das normas sociais como “ordens imaginadas”, a partir de mitos compartilhados, como também a aproximação com o



José María SALVADOR GONZÁLEZ (org.). *Mirabilia Journal* 38 (2024/1)
Returning to Eden. Revaluation of the earthly world. From Antiquity to Ancien Régime
Tornant a l'Edèn. Revaloració del Món Terrenal. Des de l'Antiguitat fins a Antic Règim
Regresando al Edén. Revalorización del Mundo Terrenal. De la Antigüedad hasta el Antiguo Régimen
Voltando ao Éden. Reavaliação do Mundo Terreno. Da Antiguidade ao Antigo Regime

Jan-Jun 2024
ISSN 1676-5818

estudo do neurocientista brasileiro Sidarta Ribeiro, embora não nominado, quanto à função do sonho nas várias esferas na vida humana.³

Considerando o cenário religioso de fundo, a utopia medieval, centrada no homem e associada à “nostalgia edênica”, teria projetado a ideia do bem-estar na felicidade eminentemente pessoal, distinguindo-se, portanto, da utopia moderna e o projeto político do “Estado feliz” (p. 498-499). Ademais, a “neurose do paraíso perdido”, assim definida pelo psicólogo transpessoal Pierre Weil (p. 499), manifesta, nos termos do medievo, a tentativa de recuperar a identidade da sociedade cristã europeia, embaraçada entre as suas raízes latinas e germânicas, cristãs e pagãs, desde o processo de desintegração do Império Romano do Ocidente. O resultado da ligação entre a angústia existencial e a nostalgia edênica, nesse caso, seria a reprodução metafórica do Paraíso terreno como uma utopia, transportando para o futuro as frustrações daquele momento. Esse quadro de ideias é completado com as reflexões de Jorge Luis Borges (p. 500), para quem “talvez a história universal seja a história de algumas metáforas”, como base de todas as utopias, inseridas, conforme Pierre Bourdieu (p. 500), naquelas categorias “impensadas que delimitam o pensável e pré-determinam o pensamento”, na configuração de uma necessidade psicológica autêntica, própria da espécie humana (p. 79-80).

Entretanto, não nos deixemos enganar por algumas sentenças aparentemente categóricas. Ao contrário, reconhecemos em Franco Júnior uma coerência epistemológica e pessoal que renuncia a qualquer pretensão totalizante para deixar ao entendimento do leitor um espaço para as suas próprias conclusões ou mesmo instigando-o a construir utopias, retratadas como sonhos coletivos, diurnos ou resistentes. Essa conduta, a nosso ver, permite, concomitantemente ao nível denotativo antes mencionado, um outro nível de leitura, subjetivo e conotativo, que confere legitimidade ao vasto terreno da imaginação sem, no entanto, perder de vista o pressuposto de que “não existe nada meramente ficcional” (p. 483) ou descolado dos referentes culturais.

³ RIBEIRO, Sidarta. *O oráculo da noite. A história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



José María SALVADOR GONZÁLEZ (org.). *Mirabilia Journal* 38 (2024/1)
Returning to Eden. Revaluation of the earthly world. From Antiquity to Ancien Régime
Tornant a l'Edèn. Revaloració del Món Terrenal. Des de l'Antiguitat fins a Antic Règim
Regresando al Edén. Revalorización del Mundo Terrenal. De la Antigüedad hasta el Antiguo Régimen
Voltando ao Éden. Reavaliação do Mundo Terreno. Da Antiguidade ao Antigo Regime

Jan-Jun 2024
ISSN 1676-5818

Destarte, a Conclusão, depois de pontuar algumas questões tratadas no conjunto dos capítulos, abre o leque de possibilidades e conjecturas sobre a “grande metáfora que é a vida” e as suas diferentes manifestações, imbricadas na tensão entre o racional e o emocional, entre o chamado real e o imaginário. Ousando um pouco mais, o Professor Hilário (p. 500) sugere, além disso, que Deus talvez constitua a mais difundida metáfora, compreendida como a bela imagem da “esperança” inerente à essência de toda utopia. Pode-se dizer, ainda, que o autor minimiza, ecoando o medieval, as tênues fronteiras entre história e ficção ao corroborar o postulado introduzido por Henri Desroche (p. 497) de que “a história faz as utopias e as utopias fazem a história”. Acima de tudo, a investigação realizada impõe o reconhecimento do conceito de utopia no período medieval, quando o anseio pelo Paraíso terreno assume a condição de um arquétipo utópico, cujo substrato religioso é passível de ser compatibilizado com os mesmos ideais de paz, justiça e abundância de outras épocas.

Em suma, ao relativizar o materialismo histórico e o racionalismo moderno a partir de uma experiência circunscrita ao território europeu, e a despeito de não ser essa a sua proposta, o texto (re)coloca em questão a própria condição humana na sua organicidade. Isto é, ultrapassa a visão do homem como ser social, político e agente econômico, recuperando a percepção alargada do sujeito de sentimentos e de emoções movido, também, pelo desejo e pela angústia, pela utopia e pela esperança. Um cenário altamente complexo e congruente com a sólida envergadura do livro, que os biógrafos do autor provavelmente definirão como “obra da maturidade” de Hilário Franco Júnior.